

Egreja do Bom Jesus do Monte

BOM JESUS DO MONTE

(Vid. pag. 116)

V

O adro do templo é uma formosa praça de 54 metros de comprimento, e 66 de largura. Sóbe-se para alli, do terreiro superior da cascata, por uma escada de seis degraus. Adornam a praça duas esbeltas pyramides e oito estatuas; aquellas collocadas junto da referida escada, e estas distribuidas symetricamente pelos dois lados da mesma praça. Elevam-se as estatuas em altos pedestaes, e representam, as quatro da direita: o *pontifice Annaz; Poncio Pilatos*, governador da Judéa; *Herodes;* e o *pontifice Caiphaz:* e as quatro da esquerda, *José de Arimathéa* e *Nicodemos*, discipulos de Jesus Christo; o *Centurião*, e outra vez *Pilatos*. Como as estatuas representam estes personagens em acções concernentes á condemnação de Christo, explicadas pelas inscripções gravadas no pedestal de cada uma, figura Pilatos duas vezes: a primeira, na acção de entregar Jesus para que seja crucificado; e a segunda, deferindo a petição de José de Arimathéa, para que se entregue a este o corpo de Christo depois de morto. Todas as estatuas são colossaes, e decoradas de doiraduras. Quanto ao trabalho artistico, são identicas ás da escadaria das Tres Virtudes. Na gravura que publicâmos n'este numero vê-se em frente do templo a cascata e as escadas que a tornêam, dando ingresso para o adro; porém d'esta praça apenas se distinguem uma das pyramides, e algumas das estatuas que a guarnecem.

É um sitio delicioso esta praça, tanto pelos arvoredos que a acompanham, como pelo panorama encantador que d'ahi se desfructa.

A egreja do Bom Jesus ergue-se no fundo da praça com bastante magestade. A sua frontaria é bem proporcionada, e parece-nos bella, não obstante alguns defeitos de architectura que se lhe possam notar, e dos quaes não são isemptos os mais grandiosos edificios da Europa. Attento o mau gosto ou a falta de boas proporções que avultam na maior parte dos templos que se tem edificado em o nosso paiz, desde que n'elle se introduziu a architectura classica, ou do *renascimento das artes*, julgâmos poder dizer afoitamente que a egreja do Bom Jesus do Monte é a obra de melhor gosto que se tem feito n'aquelle sanctuario, e que, se não é um titulo de gloria para as bellas-artes, não deshonra a architectura moderna de Portugal, como tantas outras que por ahi vemos, não só nas provincias, mas na propria capital.

Cabe aqui consignar o nome do architecto que delineou e executou este monumento religioso. Chamava-se Carlos Luiz Ferreira da Cruz Amarante. Era natural de Braga, onde teve o emprego de porteiro da camara do arcebispo D. Gaspar de Bragança, e depois, por solicitações d'este principe, foi nomeado official de engenheria, e lente de desenho na academia do Porto, onde falleceu em 1815.

A fachada do templo é composta de tres corpos,

de diversas ordens de architectura. No primeiro corpo estão a porta principal, dois nichos com as estatuas dos prophetas Jeremias e Isaias, e duas janellas, entre quatro grandes columnas inteiriças de 6 metros de altura, e duas pilastras, tudo de ordem dorica. Por baixo d'estas janellas estão duas lapidas com inscripções, declarando as indulgencias concedidas aos que visitarem o sanctuario pelos papas Pio VI e Pio IX. O segundo corpo compõe-se de cinco janellas, duas nas extremidades, e tres no centro, deitando para uma varanda, e coroadas com um frontão, que remata no vertice com uma cruz, e nos acroterios com duas urnas. Ficam as cinco janellas entre dez pilastras da ordem jonica. Sobre a janella do meio, que é mais larga e mais alta, resalta do friso o escudo de armas de Portugal; e por cima das duas janellas immediatas estão duas lapidas com versiculos dos psalmos n'ellas gravados. As ultimas janellas lateraes, que são de sacada com balaustres, rematam em dois mostradores de relogios. A varanda é guarnecida de balaustrada de pedra, e decorada com as estatuas dos quatro evangelistas. O terceiro corpo da fachada é formado pelas duas torres, que são ornadas com pilastras de ordem composita, tendo por coroa corucheos vasados e guarnecidos de pyramides.

As fachadas lateraes, como se póde ver em a nossa gravura, não offerecem coisa alguma que mereça descripção. Cada uma d'ellas tem sua porta travéssa, com uma inscripção gravada por cima, que dizem: uma, *Foi lançada a primeira pedra d'este templo no* 1.° *de junho de* 1784; a outra, *Foi posta a ultima pedra d'este templo em* 20 *de setembro de* 1811.

A cúpula, de fórma oitavada, que se levanta sobre o cruzeiro, é mesquinha; não corresponde de modo algum á grandeza da egreja. Sendo as cupulas o mais bello ornamento dos templos, e onde os artistas capricham em dar provas do seu talento e sciencia, foi exactamente a parte do monumento que o nosso architecto mais descurou.

Interiormente é o templo vasto; desafogado, por ser de uma só nave; alegre, pelas muitas e grandes janellas que lhe dão luz; mas não tem magnificencia. Não ha ahi marmores para admirar, nem primores de esculptura em pedra ou madeira, se exceptuarmos uma imagem de Christo crucificado, de que adiante fallaremos. Todavia, a sua architectura singela e bem proporcionada suppre-lhe até certo ponto a falta de riqueza, porque lhe dá um aspecto ao mesmo tempo grave e magestoso, e que não fica mal, antes bem quadra ao mysterio que está representado na capella-mór — a scena do Calvario.

O corpo da egreja tem tres arcos de cada lado, e n'elles quatro altares e as duas portas travéssas. O cruzeiro conta duas capellas e dois altares. As capellas abrem-se nos topos do cruzeiro, e formam um edificio sextavado, que resalta das paredes exteriores do dito cruzeiro, como se vê na gravura. A do lado do evangelho encerra o Santissimo Sacramento; e a do lado da epistola uma imagem de Nossa Senhora da Soledade, notavel pela riqueza dos adereços e do vestuario, aquelles cheios de brilhantes, e este recamado de oiro, tudo offerendas de pessoas devotas. Sobre o altar d'esta capella estão muitas reliquias mettidas em custodia, cofres, e meios corpos de santos, distribuidos pelos degraus de um throno; e debaixo do altar o corpo de S. Clemente martyr, trajado, segundo o costume, de militar ao uso dos romanos. Os dois altares do cruzeiro são collateraes da capella-mór, e tem retabulos de pintura a oleo. Além das capellas e altares adornam o cruzeiro as estatuas em madeira dos quatro doutores da egreja, Santo Agostinho, Santo Ambrosio, S. Gregorio Magno e S. Jeronymo.

Uma balaustrada de madeira separa o cruzeiro da capella-mór, cujas paredes são decoradas com pilastras de ordem composita, e com dois quadros em que está Christo dando vista aos cegos, e perdoando á mulher adultera. Entre as pilastras abrem-se de cada lado tres tribunas com balaustrada de pedra, que resalta um pouco. O altar-mór está debaixo de um elegante baldaquino, sustentado por quatro columnas, e muito similhante ao que vemos na capella-mór da egreja de S. Vicente de Fóra. Por occasião de se sagrar esta egreja, ceremonia que foi celebrada pelo actual arcebispo primaz, o exc. sr. D. José Joaquim de Azevedo e Moura, no dia 10 de agosto de 1857, collocou-se n'este altar, debaixo da pedra de ara, um cofre com varias reliquias do santo lenho, da columna a que foi preso e flagellado Jesus Christo, do véo de Nossa Senhora, da capa de S. José, e dos ossos dos doze apostolos, juntamente com o auto d'este deposito. Sobranceiro ao altar-mór está representado o Calvario ao natural. Na parte superior do monte acha-se Jesus Christo crucificado entre os dois ladrões; aos pés da cruz vêem-se Nossa Senhora, as tres Marias, a Magdalena e S. João Evangelista; e no declive do monte o centurião e sete soldados. O Calvario e figuras são de madeira, e estas ultimas de estatura natural. A imagem de Jesus Christo é perfeita. Foi esculpida em Italia, d'onde a mandou vir para este sanctuario, em 1776, o arcebispo D. Gaspar de Bragança.

Tem esta egreja duas sacristias. Na principal guardam-se diversos objectos preciosos, taes como alguns vasos sagrados e paramentos ricos, e uma imagem de Jesus Christo no Calvario, sendo este e a cruz de ebano, tudo marchetado de marfim, a qual foi enviada da India para o sanctuario pelo viso-rei D. Diogo de Sousa, conde de Rio Pardo, nascido na cidade de Braga. Tem esta sacristia uma boa mesa de marmore. Adornam as paredes d'esta casa os retratos dos seguintes personagens, que por diverso modo foram bemfeitores do sanctuario: del-rei D. João VI; dos papas Clemente XIV e Pio VII; dos arcebispos de Braga D. Jorge da Costa, D. Rodrigo de Moura e Telles e D. Gaspar de Bragança; do bispo do Porto, D. Jeronymo José da Costa Rebello; do sr. D. Segismundo Caetano Alvares Pereira de Mello, 3.° duque de Lafões; do 6.° marquez de Arronches e 8.° conde de Miranda; do 6.° marquez de Marialva e 8.° conde de Cantanhede, e de outros mais.

A outra sacristia encerra muito maior cópia de retratos, pelo que é chamada *dos bemfeitores*. Acha-se depositada n'esta casa a antiga imagem do Bom Jesus do Monte, muito venerada pelo povo.

A elevada posição em que está edificado o templo do Bom Jesus offerece á vista do viajante lindas perspectivas; porém as que se desfructam das torres são incomparavelmente mais bellas e variadas, tanto pela maior extensão de horisontes, como pelo effeito pittoresco que apresenta o proprio panorama do sanctuario. Relanceiam d'alli os olhos, em um painel de muitas legoas de circumferencia, no primeiro plano o monte do sanctuario, com a sua matta frondosa, ora encobrindo, ora mostrando as capellas, fontes, escadarias e estatuas; depois a cidade de Braga, erguendo-se risonha do meio dos prados que a cingem, cobertos de pomares e de cearas, e recortados em xadrez por fileiras de carvalhos e castanheiros, por onde trepam e se enlaçam as videiras; mais longe cordilheiras de serras, elevando-se umas sobre outras como ondas no mar, e deixando ver nas encostas, ou nas faldas, ou nos valles aldeias a alvejar, através da ramagem das arvores; para a direita, lá no extremo horisonte, os altos pincaros do Gerez, da serra mais rica de Portugal nos tres reinos da natureza; para a esquerda, mas mui distante, o magnifico mosteiro de Villa do Conde, campeando sobre um oiteiro; quasi em frente a villa de Barcellos, apparecendo a

furto por entre as quebradas das montanhas; o Oceano limitando por este lado o horisonte em competencia com as cristas das serras; e por todo este quadro innumeraveis soutos e devesas de carvalhos e castanheiros, quintas com suas casas de campo, e, finalmente, essa pomposa vegetação que se admira em toda a provincia do Minho, e que alli é entretida constantemente pelas aguas de muitos rios e regatos, e por milhares de fontes.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

MEMORIAS DE UMA BOLSA VERDE

I

Um dia fôra eu assistir, por curiosidade, a um leilão que se fizera em casa de uma rica viuva que fallecêra. Os parentes, apressados em se desfazerem de todos esses moveis, que para elles não tinham valor algum, abriram o leilão apenas se fechou a campa que ia encerrar a pobre finada. O que importavam aos herdeiros esses pobres livros, por exemplo, sobre os quaes se debruçára tantas vezes a fronte encanecida da viuva, esses mysteriosos confidentes dos seus pezares e das suas saudades, cujas paginas teriam sido regadas com tantas lagrimas, e que tantas vezes teriam repousado sobre os seus joelhos trémulos, quando ella, interrompendo a leitura nocturna, fitasse os olhos humedecidos no sitio onde seu marido se costumava sentar, á lampada a cuja doce luz tinham tantas vezes travado uma d'essas deliciosas conversações intimas, tornadas mais suaves ainda pelo conchego do lar, e pelo prazer de sentir a chuva bater nas vidraças, e o vento gemer nos caixilhos das janellas? Que significação tinham essas coisas para os corvos ávidos, que esperam anciosamente que o corpo se transforme em cadaver, para descerem em bandos a saciar a fome impaciente? E quem sabe, se, reunidos em volta do leito mortuario, não miravam com os olhos affectadamente compungidos, onde brilhavam algumas lagrimas de convenção, os trastes do quarto, e os proprios lençoes que agitava o estertor da moribunda? Quem sabe se elles não estariam já calculando o valor approximado d'esses objectos? Ai! todo o anjo, que baixa a este mundo, tem um demonio que lhe espia os passos, que o segue cautelosamente sorrindo com um sorrir diabolico, que esconde na sombra projectada pelas azas brancas do habitante do ceo as negras azas do habitante do inferno, e que, apenas aquelle acaba de cumprir a sua missão divina, começa a cumprir a sua missão infame, e a desfazer por todos os modos o effeito salutar produzido pela candida apparição.

Após o anjo do amor vem o demonio do ciume, após o anjo da caridade o demonio da ingratidão, após o anjo da morte o demonio da cubiça.

Morre uma creatura boa, pura, santa; vem um anjo de Deus cerrar-lhe os olhos, e levar para os ceos, no regaço da sua tunica transparente, o espirito immaculado que se desprendeu do involucro terreno. No rosto do cadaver, sereno e tranquillo, fica como que um reflexo do clarão que derramaram sobre elle as azas luminosas do enviado do Senhor. Nada mais proprio para inspirar respeito do que essa morte socegada, tão socegada como a de um passarinho que esconde sob a aza a gentil cabecinha. Uma suave compuncção se apodera do animo de todos os circunstantes. Ninguem ousa perturbar o magestoso silencio da camara funeraria; todos temem profanar a augusta santidade d'aquella scena. Mas o demonio da cubiça lá estava espreitando á porta com o seu olhar de tigre. Assim que o anjo bateu as azas, entrou pé ante pé, debruçou-se sobre todas as frontes pendidas, bafejou-as com o halito repugnante, e logo todos se ergueram apressadamente, e trataram de fazer desapparecer o cadaver, de annunciar o leilão, de preparar tudo para se reduzir a dinheiro, e para se fazerem as partilhas. «É preciso tratar da vida», dizem elles. Regateiam-se as despezas do enterro, e, para se resarcirem d'ellas, não conservam um unico objecto, por mais desprezivel que seja o seu valor. Ahi tem pouco mais ou menos a scena horrenda que precede um acto tão natural como é um leilão.

Por isso eu sempre resinto uma impressão desagradavel, quando me vou confundir com a multidão de compradores que penetram, com tão pouco respeito, n'esses quartos outr'ora tão socegados, agora tão ruidosos!

No dia em que assisti ao leilão em que fallo, occorreram-me estas idéas que acabo de expender.

Já se tinha vendido a maior parte da mobilia. Os sophás, as mesas, as cadeiras, os livros, tudo se tinha já dispersado. O pregoeiro continuava a fazer apparecer os differentes lotes, e, com o ouvido á escuta, repetia machinalmente os lanços dos circunstantes com uma rapidez, e com uma segurança taes, voltando a cabeça ora para um lado, ora para outro, que pareceria ser antes machina do que homem, se não fossem as chalaças com que entremeiava o seu pregão monotonamente saltitante (se assim me posso exprimir). Eu estava encostado a uma porta, e contemplava com certa tristeza aquelle grupo, em que figuravam os rostos indifferentes dos compradores, as physionomias ávidas dos herdeiros, e a cara maliciosamente alvar do pregoeiro, pago para alegrar a assembléa com os ditos joviaes que tinha fabricado, e que provavelmente já lhe teriam servido para dezenas e dezenas de leilões d'aquella especie.

Finalmente appareceu um objecto, cuja *exhibição* (perdôem o anglicismo) foi acompanhada com um commentario burlesco do pregoeiro, e acolhida por uma gargalhada da assembléa.

Era uma bolsa de seda verde com borlas de oiro. Mas que bolsa, senhores! Era necessaria toda a cortezia do pregoeiro para conservar esse nome a um objecto que já não tinha fórma! Era uma bolsa de cabellos brancos! Rota, esburacada, sem côr definida, e em cujas borlas o oiro brilhava... pela sua ausencia! O pregoeiro passeiou-a triumphalmente por diante de todos, e todos se riam, e todos zombavam, e todos faziam uma observação que redobrava as gargalhadas.

Finalmente o pregoeiro passou por diante de mim, e mostrou-m'a. Foi então que eu a pude ver bem.

Se a podessem ver como eu a vi, haviam de se compadecer d'ella. No meio da alegria geral, que a rodeiava, ella só parecia chorar, e parecia conservar uma triste recordação d'aquella de quem todos se esqueciam! Se a podessem ver como eu a vi, baloiçando-se tristemente na mão grosseira d'aquelle homem, que a estortegava, apertando os seus frageis membrosinhos de seda! E a pobre bolsa parecia olhar com uma tristeza profunda para todos aquelles rostos crueis, em que a zombaria se pintava, e de cada um dos rasgões que tinha aberto no seu corpinho, d'antes tão gentil, a mão destruidora do tempo, parecia sair um gemido.

Que profunda impressão me causou o seu aspecto!

Talvez os meus leitores, chegando a este ponto, se riam de mim. Pois não tem razão! Eu acredito que os objectos inanimados, que nos rodeiam, recebem de nós como que um reflexo de sensibilidade. Quando morre uma pessoa n'uma casa, não vêem como tudo toma um aspecto luctuoso? A sala, em que tantas vezes estivemos sós em quanto essa pessoa vivia, tinha por acaso o silencio lugubre que lhe notâmos apenas ella deixa de existir? Os livros, cuja leitura desperta em nós o enthusiasmo, serão simplesmente mudos reproductores dos pensamentos do escriptor, e não conservarão como que o vestigio do talento, que por intermedio d'elles se manifestou? E qual será o mo-

tivo d'essa inexplicavel affeição que nós consagrâmos a certos moveis queridos? do pezar que sentimos ao vermo-nos obrigados a abandonal-os?

Quando alta noite acordam, e, sem poderem conciliar o somno, ficam deitados de olhos abertos a contemplar as trévas, e a escutar o silencio, não sentem de repente um indizivel murmurio, e umas inexplicaveis luzes encherem o quarto e rasgarem a escuridão? Como explicam isso? Eu creio firmemente que esse ruido, que não se ouve quando não estamos n'essas circunstancias, é o que produzem as mysteriosas conversações dos espiritos invisiveis que existem escondidos em cada um d'esses moveis, e que alta noite se reunem, para segredarem uns com os outros, e que esse tenue fulgor é resultado do scintillar das pequeninas azas d'esses sylphos subtís.

Quer me acreditem, quer não, o que eu lhes posso assegurar é que a tal pobre e velha bolsa verde, quando viu a minha physionomia séria no meio de tantos rostos zombeteiros, lançou-me um olhar supplicante a pedir-me que a livrasse d'aquella triste posição.

E o caso é que a comprei, com grande espanto de todos os circumstantes, que principiaram por olhar para mim com uns olhos muito abertos, e que concluiram por sorrirem uns para os outros, dando a entender que me julgavam doido. O pregoeiro entregou-me a bolsa, e recebeu o dinheiro, tendo cuidado de interpôr, como se fosse por acaso, uma cadeira entre nós ambos, com receio que me désse alguma furia.

Escuso de dizer que ninguem me disputou o lanço. Nem mesmo esses agentes, que tem, em giria de leilão, o nome expressivo de *picadores*, ou, por abuso da metaphora, de *toireiros*, ousaram erguer a voz para m'a fazerem pagar mais caro.

A sopresa emprestára-lhes um bocadinho de consciencia.

Pois o que é certo é que eu comprei a bolsa, e saí com ella muito ancho, sem me importar com as largas alas que me abriam as pessoas presentes, imitando a prudencia do que m'a vendêra.

E, como eu passo a mostrar-lhes, não tive motivo de me arrepender.

II

Era n'uma noite de maio. Eu estava sentado á mesa do trabalho. Um caderno de papel, ainda virgem de letras, estendia-se diante de mim aterrador na sua alvura ,que me advertia mudamente da obrigação que eu tinha contrahido de a fazer desapparecer debaixo de uma alluvião d'esses monstrosinhos negros, que se chamam letras, que, amontoando-se umas em cima das outras, formam as palavras, essas mysteriosas colmeias, dentro das quaes se agita o candido enxame das idéas. O tinteiro, boquiaberto, não cessava de me mostrar o oceanosinho sombrio que tumultuava dentro de seus vitreos muros. A penna, debruçando se sobre esse mar tenebroso, contemplava-o com indifferença, preparando-se para o sulcar atrevidamente, quando eu julgasse opportuno começar a navegação.

Uma janella aberta oppunha aos meus designios um obstaculo insuperavel.

Uma janella aberta?—diz o leitor; porque a não fechava?

O leitor de certo se não recorda de eu lhe ter dito que estavamos em maio.

Fechar uma janella quando a fada da primavera percorre as urnas das flores, colhe todos os aromas que encontra, e vae espalhal-os prodigamente no regaço das brisas, que doidejam depois na atmosphera, alegres como as crianças folgazãs que correm na campina com as suas arregaçadas de flores! Fechar uma janella! E porque não fecha o leitor os ouvidos quando está escutando uma melodia de Bellini, e os olhos quando está vendo um quadro de Raphael?

Eu, com um charuto na boca, docemente recostado na minha cadeira, aspirava os perfumes do ambiente, sem me importar com as provocações do papel, com as agitações da tinta, e com as suggestões da penna. Devo até dizer, para ser completamente veridico, que me deliciava em desprezar tudo isso.

Fi donc! Um escriptor!

Eu queria vêl-os no meu logar! Uma larangeira a enviar-me perfumes perfidos, e, quando me via prestes a estender a mão para a penna, a baloiçar-se sem piedade, e a remetter-me directamente nas azas da viração uma taça inebriante, cheia a trasbordar dos seus effluvios! E um rouxinol, um travêsso rouxinol, muito escondido n'uma alcovasinha de folhas, que o demonico da larangeira lhe tinha arranjado de proposito para acabar de me tentar, a desentranhar-se em melodias que era um enlêvo escutal-as! Sem fallar n'umas roseiras, que a pretexto de serem *dilettanti*, e de serem impellidas pela aragem, perpassavam por diante da minha janella para ouvirem mais de perto aquelle Tamberlick plumoso! Não mettendo em linha de conta a lua, que se ria no ceo a bandeiras despregadas, escancarando com os frouxos de riso umas nuvens teimosas, que por força queriam esconder-lhe as perolas que ella com as gargalhadas mostrava á natureza, e que tinha a innocente vaidade de contemplar espelhadas nas fontes! Vão lá, com tudo isto, debruçar-se sobre um caderno de papel e escrever!

Escrever; mas escrever o que? Um romance de amores?! Um poema?! Romances e poemas tinha eu na imaginação, sublimes, portentosos, admiraveis, como todos os tem, e como ainda ninguem os escreveu.

Se elles desprendem-se, capitulo a capitulo, estrophe a estrophe, e vão fluctuar na atmosphera de envolta com os perfumes da rosa, com os canticos do rouxinol, e com os raios da lua.

E, apesar d'isso, não deixam que outros, que se possam entornar sobre o papel, nos occupem ao mesmo tempo a imaginação.

Assim estava eu, torturando o espirito para obter uma idéa, e encontrando n'elle mundos de poesia, não digo bem, um chaos de poesia, cujo *fiat lux* eu nunca poderia descobrir.

De vez em quando revestia-me de ânimo, e tentava levantar-me para ir fechar a janella! Mas a larangeira baloiçava-se e deixava cair uma chuva de perfumes, o rouxinol redobrava de gorgeios encantadores, os ramos da roseira prendiam-se, ao perpassar, no parapeito da janella, e deixavam ficar as suas rosas de cem folhas, purpureas e embalsamadas, a mirarem curiosamente o meu quarto; a lua desprendia indolentemente dos hombros o seu manto de luz, arrastava-o no firmamento, e eu caía desanimado na cadeira.

De repente senti aos meus ouvidos uma voz ligeira como um murmurio, que me fallava n'uma linguagem desconhecida, mas que eu, por uma intuição inexplicavel, comprehendi immediatamente.

Voltei-me, e, com grande pasmo, vi a bolsa verde em cima da mesa.

Era ella quem me fallava.

—Amigo, dizia-me a velha bolsa, tu valeste-me n'uma grande afflicção, e é justo que tenhas a recompensa. Queres escrever? A tua imaginação preguiçosa, enervada pelos effluvios d'esta noite de primavera, recusa-se a dictar-te o que deves lançar no papel? Eu substituirei a tua imaginação. Pega na penna, e escreve o seguinte no alto d'essa pagina branca «*Memorias de uma bolsa verde*».

Eu, estupefacto, obedeci machinalmente, e ahi vão ver os meus leitores o que a pobre bolsa velha me dictou. Desculpem os erros do auctor. Não ha nada que se pareça menos com um litterato do que uma bolsa. A razão é muito simples. A bolsa tem muitas vezes dinheiro, e um escriptor... Vamos ao assumpto.

(Continua) M. PINHEIRO CHAGAS.

TRES POETAS

(Vid. pag. 102)

III

A. A. SOARES DE PASSOS

Não é já de uma vocação esperançosissima cortada em flor que temos de tratar no seguinte estudo; é de um talento decepado, quando nos dava, nos primeiros e optimos fructos, a certeza de que, se não viessem os subitos e inesperados gelos da morte cair em pleno estio do poeta, havia de occupar um dos primeiros logares no amplissimo vergel da litteratura portugueza.

No livro que nos resta de Soares de Passos já se não sente o balbuciar da infancia poetica; nos seus versos não precisa o critico de presentir a futura elevação; não necessita de adivinhar o genio; tem apenas (permittam-me que me sirva d'esta locução franceza) de o *constater*. Collocando-nos no ponto da estrada da vida, em que cessou o peregrinar do escriptor, e em que elle, largando a pouco e pouco o bordão de romeiro, se deixou lentamente escorregar para a sepultura, não entrevemos ao longe, perdido nas sombras do futuro, o vulto ainda indistincto do capitolio... não... vêmol-o a dois passos, com as portas já entreabertas, e divisâmos o anjo da gloria prompto a cingir com os loiros de Petrarca o viajante cançado, pobre poeta que transformava os espinhos da vida, que lhe laceravam os pés, em rosas de poesia, que iam encantar o publico indifferente.

É bem verdade é! Poetas, como Soares de Passos, não desferem sons harmoniosos na lyra doirada, mas desprendem-n'os fazendo vibrar dolorosamente as fibras da lyra do coração. Podêmos applicar ás suas poesias estes dois versos de Musset:

Les plus désespérés sont les chants les plus beaux,
Et j'en sais d'immortels qui sont de purs sanglots.

O publico admira as perolas do livro de Soares de Passos, sem se importar que o poeta as fosse procurar, mergulhador sombrio, ao fundo de um oceano de desespero. A bella comparação de Alfredo de Musset é tão pungente quanto verdadeira. O pelicano sae do ninho e voa a buscar alimento com que sustente a prole; volta sem trazer no bico a provisão desejada; então, triste mas resoluto, abre o seio, e deixa que os filhos, famintos e indifferentes, se fartem com o seu proprio coração; assim os grandes poetas saciam de commoções o publico, mas

Les festins humains qu'ils servent à leurs fêtes
Ressemblent la plupart à ceux des pélicans.

Em todos os versos de Soares de Passos se sente uma profunda tristeza. A vida nunca teve para elle risonhos horisontes, e esse espirito celeste vagueava no mundo, aspirando continuamente para a eternidade. Não procurem nos seus versos os gritos do enthusiasmo, excepto quando elle se esquece do mundo social, e contempla embevecido os esplendores do universo. Então sim! Quando sobe aos pincaros da contemplação, e embebe os olhos nas maravilhas que a mão do Omnipotente espalhou no espaço, o fogo do enthusiasmo abraza-o, brota do seu peito o hymno da admiração, rasga com mão trémula os véos que escondem os mysterios da natureza, arroja-se com um grito sublime a esse abysmo de fulgores, e as estrophes magestosas do *Firmamento* desenrolam-se ante os olhos deslumbrados do leitor, esplendidas na idéa, esplendidas na fórma, hombreando na pureza da inspiração com as mais acabadas *Meditações* de Lamartine, vencendo-as no vigor do pensamento.

Desde o primeiro verso até ao ultimo d'esta admiravel poesia não afrouxa um só momento a inspiração; não se encontra uma só phrase que destôe da continua elevação d'este verdadeiro hymno enthusiastico; lendo este trecho, o critico deixa de o ser, para se transformar em simples admirador. Aquella leitura eleva a alma. Pensamento, linguagem, metrificação, tudo tem um vigor inexcedivel. Paginas assim escrevem-se uma vez. Vejam:



A. A. Soares de Passos

Estrellas, que brilhaes n'essas moradas,
Quaes são vossos destinos?
Vós sois, vós sois as lampadas sagradas
Dos seus umbraes divinos.
Pullulando do seio omnipotente,
E sumidas por fim na eternidade,
Sois as faiscas do seu carro ardente
Ao rolar através da immensidade!

O defeito habitual de todos os poetas, que tratam estes assumptos elevados, é o procurarem comparações grandiosas, que são, a maior parte das vezes, falsas, absurdas e affectadas. Notem que não succede isso com Soares de Passos. Ha espontaneidade, ha verdade, ha sublimidade n'esta comparação tão bella e tão natural. Os pastores chaldeus, quando fitavam na immensidade estrellada os olhos deslumbrados, deviam encontrar esse esplendido pensamento na sua opulenta imaginação oriental.

Continuemos. Vejam como o poeta, perdendo-se ao longe no espaço em que não penetra a vista humana, exprime admiravelmente o extasi que n'elle desperta a contemplação imaginaria d'esses fulgidos abysmos:

Mas vós perto brilhaes, no fundo accesas,
Do throno soberano:
Quem vos ha de seguir nas profundezas
D'esse infinito oceano?
E quem ha de contar-vos n'essas plagas
Que os ceos ostentam de brilhante alvura,
Lá onde sua mão sostem as vagas
Dos soes que um dia romperão na altura?

Como n'esta poesia Soares de Passos sabe admiravelmente fechar as estrophes! Como elle sabe ligar perfeitamente a magestade do verso com a magestade da idéa! Que propriedade de expressão! Vejam os dois versos finaes:

Lá onde sua mão sostem as vagas
Dos soes que um dia romperão na altura.

O ultimo verso sae com uma vehemencia verdadeiramente inspirada. Que vigor que lhe dá este verbo *romperão*, que nos faz sentir, para assim dizer, a instantaneidade do movimento que se ha de operar á voz do Omnipotente! Substituam este verbo por outro qualquer que exprima a mesma idéa, *nascerão* ou *brotarão*, e vejam se a estrophe se fecha com a mesma valentia.

Estas *nuances* tão artisticas não são, coisa notavel! fructo dos ensinos da arte, são o privilegio do genio.

Leiam a seguinte estrophe, onde se nota a mesma belleza no modo como termina.

E tudo outr'ora na mudez jazia,
Nos véos do frio nada:
Reinava a noite escura; a luz do dia
Era em Deus concentrada.
Elle fallou! e as sombras n'um momento
Se dissiparam na amplidão distante!
Elle fallou! e o vasto firmamento
Seu véo de mundos desfraldou ovante!

Voltando a vista para a terra, a qual só lhe parece, da altura a que o poeta se eleva, um atomo perdido no espaço immenso, Soares de Passos falla d'ella como quem tem ainda os olhos deslumbrados pelo vertiginoso clarão d'esses mundos defesos á mesquinha humanidade. E o homem, ente fragil, particula tenuissima de um grão de areia, invisivel infusorio perdido n'uma gota de agua, como poderá occupar o pensamento de quem está sondando os mysterios da eternal grandeza? N'este sitio revela-se mais do que em qualquer outro o talento de gradações que Soares de Passos possue, o talento do claro-escuro. Como fatigado de tão portentosa viagem, Soares de Passos parece afrouxar nas oitavas em que falla da terra e do homem. Prostrada pela rapidez frenetica com que percorreu o turbilhão dos orbes, a imaginação retoma o folego, e parece baixar o vôo. O pensamento sempre elevado não tem, comtudo, o arrojo das primeiras estrophes; o leitor, arrebatado na atmosphera de enthusiasmo que circunda o poeta, sente afrouxar o movimento, e vae julgar talvez que está proximo a parar. O que é a terra? Um grão de areia que vôa no turbilhão universal. O que é o homem? Um atomo subtil que dura instantes, e de cujos ossos

Só restam cinzas que sacode o vento.

Os versos continuam fluentes, as imagens sustentam-se correctas e elevadas, mas sem terem a sublimidade original das que o poeta costuma empregar n'esta poesia. Mas n'isto, em que o vulgo julgaria ver fraqueza de inspiração, revela-se, pelo contrário, o grande talento. Este afrouxar, perdoem-me a trivialidade da comparação, é como o impulso fraco que se dá ao baloiço para preparar o movimento que o ha de levar a uma immensa altura. A musa do poeta embala-se lentamente n'aquellas duas estrophes de transição, abre a pouco e pouco as azas que tinha fechado de cançaço, e depois, subito, desprende o vôo e perde-se de novo nas espheras do sublime.

Ouviram já as *Vesperas Sicilianas* de Verdi? Lembram-se do côro final do terceiro acto, quando o braço de Henrique desvia o punhal que vibrava sobre o peito de Montfort a mão irritada de Helena? Lembram-se como esse côro começa lento, magestoso, como que suspenso de espanto, de raiva, de medo e de despeito? E a final, depois de dois ou de tres compassos, lembram-se como desperta na orchestra e nas vozes uma torrente de melodia energica, delirante, sublime, como as ondas que se elevam a pouco e pouco, até se despenharem umas sobre as outras, e correrem bramidoras a despedaçarem-se nos rochedos da praia?

Pois assim, n'essa estrophe de Soares de Passos, o enthusiasmo se vae formando a pouco e pouco, até soltar o grito sublime com que termina.

Mas ah! tu pensas, e o girar dos orbes
Á razão encadeias;
Tu pensas, e inspirado em Deus te absorbes
Na chamma das idéas:
Alegra-te, immortal, que esse alto lume
Não morre em trevas d'um jazigo escasso!
Gloria a Deus, que n'um atomo resume
O pensamento que transcende o espaço!

Isto é admiravel. Apenas quem for excessivamente rigoroso lhe póde notar o ter transigido com a rima, escrevendo *absorbes* em vez de *absorves*. Entendo que o poeta teve razão em não se prender com essa insignificancia, que talvez lhe transtornaria a idéa, se elle quizesse procurar outra fórma de a exprimir. Cito comtudo esta pequena coisa, porque são rarissimas as incorrecções metricas nas poesias de Soares de Passos.

D'aqui por diante precisaria de transcrever toda a poesia, verso a verso, se quizesse fazer sentir aos leitores cada uma das innumeras bellezas que n'ella se contém. Comtudo, não posso resistir á tentação de citar ainda estas duas bellissimas estrophes, em que ha a notar duas notaveis comparações.

Pensando nos mysterios, que o véo do futuro ainda esconde, o poeta exclama dirigindo-se ao globo terrestre:

Um dia, quem o sabe? um dia ao peso
Dos annos e ruinas,
Tu cairás n'esse volcão acceso
Que teu sol denominas;
E teus irmãos tambem, esses planetas
Que a mesma vida, a mesma luz inflamma,
Attrahidos, em fim, quaes borboletas,
Cairão como tu na mesma chamma.

E mais adiante, scismando no universo do porvir, que já se revolve talvez na mente insondavel de Jehovah, em quanto os sóes do universo actual vão, um a um, desapparecendo da immensidade, o poeta desprende dos labios esta magnifica estrophe:

Gloria a seu nome! um dia meditando
Outro ceo mais perfeito,
O ceo d'agora a seu altivo mando
Talvez cáia desfeito.
Então, mundos, estrellas, sóes brilhantes,
Qual bando d'aguias na amplidão disperso,
Chocando-se em destroços fumegantes,
Desabarão no fundo do universo.

Esta concisa descripção d'esse pavoroso cataclysmo é de uma belleza pasmosa. Tem uma grande magestade esse quadro aterrador. E aquella comparação com o *bando d'aguias* tem a qualidade que já notámos, na comparação das estrellas com as faiscas do carro do Omnipotente, isto é, o ser naturalissima, sentir-se que não foi procurada com affinco, mas que occorreu espontaneamente á imaginação do poeta.

Quando se acaba de ler uma poesia como esta fica-se prostrado; o espirito fica fatigado da continua tensão em que o poeta o obrigou a estar.

O *Firmamento*, com effeito, é o maior titulo de gloria de Soares de Passos; bastava que elle escrevesse apenas essa poesia, para que o seu nome ficasse inscripto em lettras de oiro nos annaes da nossa moderna litteratura.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

VICTOR HUGO

(Vid. pag. 111)

XXI

Victor Hugo entrou na Academia franceza aos 3 de junho 1841. Isto custou-lhe quatro apresentações. Os immortaes oppozeram á entrada do grande poeta, no lapso de quatro annos, a má vontade alimentada pela inveja e pelos estorvos proprios de intelligencias mesquinhas.

As *Memorias* referem assim esta lucta:

«...Apresentou-se em 1836: a Academia preferiu-lhe o sr. Dupaty. Apresentou-se por segunda vez em 1839: a Academia preferiu-lhe o sr. Moulé. Apresentou-se terceira vez em 1840: a Academia preferiu-lhe o sr. Flourens. Em 1841, bateu por quarta vez ás portas da Academia, que em fim se lhe abriram». [1]

Todos aquelles homens seriam porventura illustres por lettras e sciencia, e teriam jus aos suffragios da Academia franceza, mas nenhum valia o poeta repellido. Não nos resta dúvida. Mencionando as excentricidades do Instituto, diz Augusto Vacquerie:

«A fama e a illustração tem sido constantemente para a Academia titulos de exclusão... Hugo foi repellido tres vezes. As celebridades anonymas, em compensação, tem entrada franca, e os talentos defeituosos encontram todas as portas abertas... Quando os estrangeiros assistem a uma sessão da Academia e pedem que se lhes mostre Alexandre Dumas, mostram-lhe Flourens; se procuram Lamennais, indicam-lhes Dupaty; se desejam ver Balzac, apontam-lhes para Saint-Marc-Girardin! A Academia apresenta ao universo lettrado... uma collecção de auctores problematicos de quem a arte não ouviu fallar nunca... Que póde dizer-se de um corpo litterario que, só nos ultimos tempos, preferiu Viennet a Benjamin Constant, Tissot a Nodier, Droz a Lamartine, Dupaty a Victor Hugo, e Noailles a Balzac?» [1]

Na biographia de Mirécourt diz-se graciosamente: — «Victor Hugo entrou na Academia como bala que faz brecha e atravessa todas as fortificações».

O novo academico publicou em 1842 dois volumes intitulados o *Rheno*, em que o seu talento se revelou sob aspecto differente.

Em 1843 levou os *Burgraves* ao Theatro Francez.

«Este drama, de tão poderosa e ousada concepção, foi ainda mais violentamente aggredido que *Ruy Braz*. O sr. Francisco Ponsard era já o poeta da moda. Oppozeram *Lucrecia* (tragedia) á nova obra prima de Hugo, e *Lucrecia* triumphou».

N'essa epocha, seguindo as inspirações de Armand Carrel, o infeliz jornalista morto em duello por Emilio de Girardin, o *Nacional* estabelecia e proclamava o «progresso na politica e o retrocesso na litteratura».

De todos os jornaes de Paris só a *Presse* defendeu os *Burgraves*. Os folhetins eram de Theophilo Gautier, o amigo constante do poeta.

Victor Hugo entendeu que não devia escrever mais para o theatro, e occultou a todos, os *Gemeos*, drama que tinha concluido desde 1838 e que vemos agora annunciado juntamente com outro drama «*Torquemada*» pelos proprietarios da «livraria internacional» de Paris. «Il ne lui convint plus de livrer sa pensée à ces insultes faciles et à ces sifflets anonymes que quinze ans n'avaient pas désarmés. Il avait, d'ailleurs, moins besoin du théâtre: il allait avoir la tribune». [2]

XXII

Victor Hugo ia recomeçar as suas viagens para distrahir-se e descançar das luctas dramaticas, quando terrivel desgraça veiu dilacerar-lhe o coração. Era em 1843.

Sua filha primogenita, Leopoldina, casára com Carlos Vacquerie. [3] «Os dois jovens, conta Beauvallet, unidos havia mezes apenas por um amor profundo e ardente, iam juntos, livres, felizes, cheios de alegria e confiança, com as almas dispostas para os jubilos e para os sonhos do futuro, quando um tufão violento fez sossobrar a sua embarcação no meio da bahia do Havre. Carlos Vacquerie, depois de empregar baldadamente sobre humano esforço para salvar sua joven esposa, deixou-se morrer com ella dando-lhe o derradeiro abraço». Leopoldina contava apenas 19 annos.

Todos leram estas melancolicas e dolorosas estrophes que o poeta dirigiu ao infortunado esposo de sua queridissima filha...

. . . .

Oh! quelle sombre joie, à cet être charmant,
De se voir embrassée au suprême moment
Par ton doux désespoir fidèle!
La pauvre âme a souri dans l'angoisse, en sentant
A travers l'eau sinistre et l'effroyable instant,
Que tu t'en venais avec elle.

[1] *Victor Hugo raconté*, t. II, pag. 483.

[1] *Profils et Grimaces*, pag. 347.
[2] *Victor Hugo raconté*, t. II, pag. 478.
[3] Irmão de Augusto Vacquerie, apreciavel auctor de *Miettes d'histoire*, *Profils et grimaces*, *Tragaldabas*, e outras obras egualmente notaveis.

Leurs âmes se parlaient sous les vagues rumeurs.
«Que fais tu? disait elle, et lui disait: — Tu meurs,
Il faut bien aussi que je meure»;
Et, les bras enlacés doux couple frissonnant,
Ils se sont en allés dans l'ombre; et, maintenant
On entend le fleuve qui pleure.

XXIII

Victor Hugo insistíra na sua entrada na Academia, não tanto pelo triumpho contra os immortaes que não o queriam no gremio d'elles, mas principalmente para que a Academia lhe abrisse as portas da camara dos pares. Alli encontraria a tribuna que ambicionava, e que a lei eleitoral de então lhe vedava na camara dos deputados. Em 1843 foi, pois, nomeado par de França. Ao terminar o discurso de recepção no Luxemburgo, o duque e a duqueza de Orleans dirigiram ao poeta benevolos e affectuosos comprimentos.

Os esforços realisados por Victor Hugo para conseguir a abolição da pena de morte não só em França, mas em toda a parte, são inexcediveis. As cartas escriptas pelo grande poeta e os discursos por elle proferidos, ora para salvar um condemnado na Suissa, ora para livrar outro nos Estados-Unidos, ora para suspender o cutelo do carrasco em Guernesey, ou na Belgica ou na Grã-Bretanha, testimunham eloquentemente e honrosamente quanto podem a solicitude e a perseverança do homem eminente para chegar a um fim tão nobre como generoso.

Vem nas *Memorias* [1] muitos documentos a este respeito. Entre elles ha tres sobre modo notaveis. O discurso proferido em 1851 por Victor Hugo em defesa de seu filho Carlos Hugo, accusado por um artigo inserto no *Evénement* em que fulminava a execução de um desgraçado; a carta que em 1854 o poeta dirigiu a lord Palmerston para censurar o governo britannico pela execução de Tapner, que se effeituára em Guernesey; e a carta enviada em 1862 ao sr. Bost, membro da egreja de Genebra, porque a republica, discutindo a reforma da sua constituição, decidíra não supprimir a pena de morte. [2]

Quando a voz de Victor Hugo echoou fremente e vigorosa a favor de John Brown, o emancipador de escravos, acaso não a ouviram todos? Não estremeceram os Estados-Unidos quando o poeta assegurou que o algoz sería então a America inteira?

Em carta mandada para a redacção da *Independencia Belga*, disse Victor Hugo que a monstruosa pena de morte levantára na terra dois grandes sacrificios como dois tremendos exemplos: — o de Jesus Christo no velho mundo, e o de John Brown em o novo!

Aquella voz magnanima não pôde salvar John Brown, mas fez de certo apagar do codigo de algumas nações o horrendo artigo em que se impunha a pena de morte. Não o fez ainda? Acreditemos ao menos que brevemente se realisará, se isto não é já facto consummado em todo o mundo christão. É dever pensar assim. E tambem é dever grande e sublime diffundir estas idéas em que o animo, não deixando de ser justo, é todavia misericordioso e clemente.

Não vemos o poeta, em nenhuma epocha da sua vida, transviar-se de tão difficil caminho. É que a sublimidade da tarefa está na altura da grandiosidade do genio!

(Continua) P. W. de Brito Aranha.

[1] *Victor Hugo raconté*, t. II, de pag. 195 a 280.

[2] Esta ultima carta publicada na *Independencia belga* foi para logo traduzida e reproduzida na *Gazeta de Portugal*, recentemente fundada pelo sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos. Depois, o editor da traducção dos *Miseraveis*, o sr. F. Gonçalves Lopes, transcreveu-a em appenso ao volume X. O Centro Promotor de Lisboa quiz tambem propagar em todo o reino a notavel carta dirigida ao pastor Bost, e assim o votou em assembléa geral, porém não nos occorre se chegou a realisar o seu louvavel intento.

METAPHORAS OU FEIRA DE ANEXINS

(Vid. pag. 96)

III

EM METAPHORA DE OLHOS

— Aquelle equivoco me encheu o olho.

— Que? Alegrou-lhe o olho? Pois não ha de ser este só, que estou d'elles cheio até aos olhos, e lh'os hei de ahi pregar na menina do olho, só por lhe quebrar os olhos.

— Cuida que assim a olhos fechados nos pesca?

— Eis-ahi; atégora não ousava levantar os olhos nas metaphoras, já agora nos arregala o olho.

— Isso me regala, porque a vossês estava-lhes saltando o olho por me ouvir; agora digo que os hei de dizer a botar pelos olhos fóra.

— Ai meu senhor! Com os olhos d'alma! Diga que logo nos olhos se vê quem tem lombrigas, e sempre suppozemos que vossê estava de meio olho, e, de quando em quando, ao disfarce, botava o rabo do olho.

— Deixe-o dizer, não lhe dê olhado.

— «Ólh'o» dê, «ólh'o» não dê, não tem remedio; ha de dizer quantos anexins souber, em quanto tiver lume no olho.

— Bom olho! Agora lhe digo que me hão de ver com o olho e comer com a testa.

— Não ponha os olhos em alvo, que no botar do olho vejo que está com as lagrimas nos olhos.

— Quem tanto vê, um olho lhe basta.

— Vossê é que tem olheiras de cuidar que ha outro melhor anexirista, e está com olhos de gato guloso por me ouvir.

— Pois bis.

— Ora creae lá o corvo! Até aqui não havia quem pozesse os olhos n'elle, agora o temos em olho; já nos vem mettendo os dedos nos olhos. É o pago de o trazer nas meninas dos olhos.

— Bem sei que vossês me querem, que me não podem tirar os olhos.

— Isso está tão claro como o olho do sol; porém eu estou lobrigando o logro com um olho de goraz.

— Ninguem vê a trave no seu olho.

— Vossê é o que atégora nos lograva?

— Isso é trocar os olhos, e n'isso aggrava vossê os meus, que sempre o olhei com bons olhos.

— Não desconfie de meus olhos.

— Pois com que olhos quer vossê?...

— Olhe, tome olhos de agua.

— Deu-lhe dor de olhos com a magoa; receite-lhe «tutia».

— Que tem minha tia com isso?

— Lá lhe tirará umas sopas do olho, com que cale o menino.

— Elle é grillo, não gosta senão de olhos de alface.

— Espere, que já engrilla os olhos.

— Sim, senhor, de alface, que como os olhos do senhor são de chora-vinagre, com um olho de azeite temos alface.

— Os seus servirão de ovos, que se tem claras nas alvas, nos bugalhos com a dor tem gemmas.

— Singular merenda para corcovado! Falta o peixe frito.

— Não faltará, que em olhos tão azivieiros nos sobram celhas d'elles para frigir.

— Eis-ahi uns equivocos em que se me vão os olhos.

— Sabem vossês mais a olhos cerrados, que outros com elles abertos, ainda que os tenham bem rasgados.

— Querem vossês uma coisa? Vamos a Santa Luzia, que eu fio lhe enchamos a egreja de offertas.

— De capellas de olhos.